

FOTOGRAMAS DO DISCURSO SOBRE A VELHICE: DETERMINAÇÕES HISTÓRICAS DO CAPITALISMO NA SIGNIFICAÇÃO DOS SUJEITOS¹

PHOTOGRAMS OF THE DISCOURSE ON OLD AGE: HISTORICAL DETERMINATIONS OF CAPITALISM IN THE SIGNIFICATION OF THE SUBJECTS

Helson Flávio da Silva Sobrinho²

Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Maceió, AL, Brasil

Resumo: Este artigo se inscreve na perspectiva pecheuxtiana da Análise do Discurso (AD) e analisa as determinações históricas que constituem e fazem funcionar o discurso sobre a velhice em seu caráter material. Para isso, analisam-se títulos de matérias/reportagens sobre a velhice e o envelhecimento que foram publicadas pela imprensa brasileira e argentina. Tais materialidades foram remetidas ao processo discursivo para desvelar os mecanismos ideológicos de seu funcionamento histórico. Reflete-se, pois, acerca de como o discurso sobre a velhice, em sua produção discursiva na imprensa, efetiva-se nas práticas sociais e direciona sentidos para os sujeitos constituídos nas contradições materiais e ideológicas das relações sociais capitalistas.

Palavras-chave: Discurso; velhice; caráter material; capitalismo.

Abstract: This article is related to the Pêcheux's perspective of Discourse Analysis (AD) and analyzes the historical determinations that constitute and make the discourse on old age works in its material character. For that, we analyzed titles of news / articles about old age and aging published by the Brazilian and Argentine press. Such materialities were referred to the discursive process to unveil the ideological mechanisms of its historical functioning. We reflect, therefore, how the discourse on old age, in its discursive production in the press, is carried out

¹ Este artigo é fruto de reflexões que derivam de duas pesquisas que se complementam, a saber: 1. "O discurso sobre a velhice na América Latina: as determinações históricas na construção e na resignificação de sentidos e sujeitos", financiando pelo Edital PPGs/HUMANIDADES/FAPEAL N° 13/2016; 2. "Michel Pêcheux e as reflexões sobre o materialismo: um trajeto filosófico de leitura sobre o 'caráter material do sentido' nos estudos sobre o discurso", financiado pelo CNPq, bolsa produtividade.

² Professor e pesquisador da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), atua na graduação em Letras, no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) e no Profletras. É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Sociólogo e doutor em Linguística na área de Análise do Discurso (AD). Desenvolve estudos sobre Discurso, Sujeito, História e Ideologia. É vice-líder do grupo de pesquisa: Discurso e Ontologia (Gedon). E-mail: helsonf@gmail.com

in social practices, directs meanings to the subjects constituted in the material and ideological contradictions of capitalist social relations.

Keywords: Discourse; old age; material character; capitalism.

Introdução: a inscrição da Língua na História e o Caráter Material do Sentido

Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar.

(Simone de Beauvoir)

Para o início deste texto, gostaríamos de enfatizar a nossa filiação à Análise do Discurso pecheuxtiana e ao materialismo histórico e dialético. É em Pêcheux e Fuchs (1997) que encontramos o quadro epistemológico da AD:

O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;

A Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;

A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 163).

Tal quadro, que nos remete a determinadas regiões do saber, é costumeiramente sintetizado em três áreas de conhecimento: Materialismo histórico, Linguística e Psicanálise. Este também será nosso entendimento enquanto disciplina que se inscreve no entremeio de tais campos³. Em nosso estudo, pretendemos tratar, inicialmente, da inscrição da Língua na História (e vice-versa) na produção de sentidos, para, em seguida, pensar em suas relações contraditórias, e, por fim, refletir sobre o discurso da/sobre a velhice que se materializa na imprensa brasileira e argentina a partir da análise dos

³ Segundo Orlandi (1996, p. 25), a particularidade da AD é se constituir na contradição. “A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva”.

títulos de matérias/reportagens publicadas no jornal Folha de São Paulo (Brasil) e no jornal Clarín (Argentina).

Michel Pêcheux, em sua aventura⁴ teórica e política, trabalhou com questões que dizem respeito à prática política e à produção de conhecimento em sua articulação dialética. Tratou, sobretudo, de questões da ordem da leitura (interpretação) de textos políticos, pois estava preocupado em compreender como o texto produz sentidos, uma vez que a linguagem não é transparente, e, além disso, escandalizou a área da Linguística ao dizer que a língua poderia servir para comunicar e não comunicar.

Ao refletir profundamente sobre tais questões, este professor-filósofo-cientista-militante⁵ constatou a presença do ideológico e do político na língua. Assim, o quadro teórico-epistemológico-político acima referido traz à baila as concepções de língua e história que leva em consideração o sujeito (constituído pela ideologia e afetado pelo inconsciente) em suas práticas sociais, políticas e ideológicas numa determinada formação social, no caso em estudo, a sociedade capitalista.

Orlandi (2002b) também desenvolve tal reflexão sobre a relação língua, história e sujeito ao dizer textualmente que:

Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Se, como tenho afirmado, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, não há sentido sem interpretação, pois a língua se inscreve na história para significar e é aí que proponho apreender a questão da ideologia, do sujeito, da interpretação (ORLANDI, 2002b, p. 31).

Compreender que a língua se inscreve na história para significar implica problematizar os gestos de leitura e interpretação⁶, porque não há neutralidade no uso dos signos (sempre ideológicos). Sendo assim, é

⁴ Sobre a aventura teórica, Maldidier (2003, p. 15) afirma que: “O *discurso* me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrinca literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso”.

⁵ Cf. Silva Sobrinho (2018), que considera Michel Pêcheux um filósofo que se posiciona na perspectiva do materialismo histórico e dialético, preocupado com a produção do conhecimento científico e com a prática política revolucionária do proletariado.

⁶ “Assim, o gesto de interpretação é o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua. Esta é a marca da ‘subjetivação’, o traço da relação da língua com a exterioridade” (ORLANDI, 1996, p. 46).

necessário pensar a língua funcionando na mediação entre os sujeitos. Trata-se de entender o discurso enquanto mediação histórica entre os sujeitos e o mundo em seu âmbito natural e social. Apreendemos, pois, o discurso enquanto práxis histórica de sujeitos significando o mundo e sendo significado em determinadas condições sócio-históricas de produção.

Ainda para o início deste texto, é preciso voltar a destacar que o sujeito, a língua e a história não nos são transparentes. Há algo da dimensão do sujeito, da história e da língua que não conseguimos alcançar. No entanto, podemos compreender através do discursivo que esse encontro é marcado pelo movimento e pela contradição, ou seja, movimento da língua (paráfrase-polissemia, deslize, deriva) e da história (práxis social dinâmica e contraditória dos sujeitos – constituídos pela ideologia e pelo inconsciente – em determinada formação social). Assim, entendemos a língua como condição de base para os processos discursivos, e que a história, enquanto práxis dos sujeitos em determinada conjuntura, intervém dialeticamente na produção do discurso e na determinação de sentidos e sujeitos. Isto é, não há língua fora da história. Assim, todo discurso tem seu fundamento na base material da sociedade.

O que se quer dizer nesta introdução acerca do efeito da ideologia é que, apesar de provocar a não transparência de sentidos e de sujeitos na história, é preciso buscar seu **caráter material**⁷. Essa posição teórica advém do materialismo histórico e dialético.

Quando Pêcheux fala de caráter material do sentido, logo afirma:

[...] **é a ideologia que fornece as evidências** pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e **que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados** (PÊCHEUX, 1997c, p. 160, grifos nossos).

Assim, na materialidade dos sentidos que se inscrevem na relação entre língua e história, encontraremos pistas das contradições materiais e ideológicas de uma determinada sociedade, no caso em estudo, da formação social capitalista e os conflitos entre capital e trabalho. Decerto, o(a) leitor(a) já deve estar se perguntando: e o que compete à questão da velhice nesse

⁷ Sobre o caráter material do sentido ver Silva Sobrinho (2019): “O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso”.

debate? Pois bem, partimos do pressuposto de que os títulos das matérias/reportagens da imprensa, com suas modalidades de dizer e silenciar⁸ sobre a velhice, são afetadas pelas determinações da formação social capitalista. A nosso ver, das determinações históricas (materiais e ideológicas), que, quando submetidas à análise, podem revelar trajetos de sentidos (processos discursivos) com mecanismos ideológicos de funcionamento no processo histórico-material.

Podemos dizer ainda que, resguardadas as críticas que já se fizeram à imprensa, é preciso reconhecer também que seus dizeres se materializam em face do processo social e histórico em sua concretude. Seus dizeres e silenciamentos (gestos que explicitam uma determinada leitura da realidade) estão sempre articulados às condições histórico-concretas de produção/reprodução/transformação. Isso é uma relação indissolúvel, porque o dizer e o silenciar não são independentes da história. É a própria ideologia em funcionamento nos dizeres do sujeito (e no próprio sujeito) na história.

Ainda pensando no caráter material do sentido, diz Pêcheux (1997c):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do signifiante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 1997c, p. 160).

Isso que dissemos não pode ser negligenciado na prática analítica. Tomemos como exemplo os três recortes discursivos que seguem:

1) A fonte da juventude

(Folha de São Paulo, 2002)

2) Empobrecimento empurra mulheres com mais de 60 para mercado de trabalho

(Folha de São Paulo, 2005)

3) Aposentadoria: Previdência privada tem aumento de 26%

⁸ Segundo Orlandi (2002a, p. 34), “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre as tramas das falas”. Ao mesmo tempo, destaca: “as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras”.

na captação*(Folha de São Paulo, 2007)*

Tratam-se de três recortes de títulos de matérias/reportagens coletadas quase que aleatoriamente de nosso corpus de pesquisa⁹. Todos os recortes anteriores foram retirados do Jornal Folha de São Paulo. Neste momento, nossa intenção primeira é mais ilustrar do que desenvolver uma análise mais detalhada, mas já é possível destacar que há no trajeto de leitura desses recortes um gesto de interpretação, ou seja, um gesto histórico de interpretação da sociedade capitalista sobre o real. Assim, podemos notar que tais títulos das matérias já sinalizam, de certo modo, nosso percurso analítico, que é teórico-metodológico e também político. Compreendemos que há um processo discursivo que se manifesta nos títulos dessas matérias/reportagens sobre a velhice e envelhecimento que está imbricado aos processos materiais da sociedade capitalista, pois “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 1997a, p. 79).

Podemos dizer também que, no quadro de sequências discursivas (SD) anteriormente apresentado, já nos aproximamos de um **fotograma da significação da velhice** sob a égide da sociedade capitalista. Algo semelhante ao que Vanise Medeiros e Mara Glozman nos apontaram quando da divulgação da chamada do número da presente revista, Fragmentum:

Fotograma é uma forma visual estabilizada mediante um procedimento de “suspensão” momentânea do movimento; um fragmento que emerge da materialidade em movimento por um gesto de leitura que, convocado por algum detalhe, põe nele sua mirada. O gesto produz o fotograma, que contém marcas de sua historicidade e traços de seu devir. Não se trata, então, de um corte sincrônico, mas da trama histórica funcionando (MEDEIROS; GLOZMAN, 2019)

Em nossa análise compreendemos que há um processo discursivo que, no momento, sabemos não poder entendê-lo por completo, mas temos certeza de que podemos encontrar nas sequências em análises, pistas,

⁹ O *corpus* desta pesquisa é constituído por títulos de matérias/reportagens sobre a velhice e o envelhecimento, publicadas pelos jornais *Folha de São Paulo* (Brasil) e *Clarín* (Argentina). Num recorte temporal entre os anos de 2000 e 2016 (*Folha*) e no jornal *Clarín*, entre os anos de 2011 e 2016.

vestígios, marcas materiais de seu funcionamento material e ideológico.

O(a) leitor(a) deste texto já pode perceber que há, nesse fotograma, um processo discursivo que diz sobre a “fonte da juventude” e passa, em seguida, para o “empobrecimento” do Trabalhador-velho/idoso¹⁰; deriva para as diferentes formas de vivência da velhice para mulheres e homens, “mulheres com mais de 60 anos”. Essas questões não deixam de se entrelaçar ao “mercado de trabalho” (mercado capitalista) e à “aposentadoria”. Por fim, mas não menos significativo: a “previdência privada”. Vamos repetir para alertar o(a) leitor(a), especialmente para produzir estranhamento necessário ao pensamento e deixar em suspenso, por ora: “previdência privada!”.

Este fotograma inicial nos mostra, nesse percurso de sentidos, o que está em marcha na conjuntura da sociedade brasileira: parte-se de uma busca pela juventude, pela manutenção a todo custo da força de trabalho no mercado capitalista, desliza-se pelo empobrecimento e miséria na velhice de mulheres e homens e se chega à aposentadoria, mas essa apenas como “possibilidade”, através da “previdência privada”. O que vemos são traços, marcas das contradições materiais da sociedade capitalista, constitutivas da língua e da história, produzindo seus efeitos de sentidos contraditórios nos sujeitos; deslize da ordem do econômico pela materialidade do político, transparência e opacidade. Equívocos.

Como o sentido é sempre em “relação a...”, como diz Canguilhem (2006, p. 203), “falar é significar, dar a entender, porque pensar é viver no sentido. O sentido não é relação entre [...], ele é relação com [...]. Eis por que ele escapa a qualquer redução que tente inseri-lo numa configuração orgânica ou mecânica”; têm-se, pois, nessas materialidades discursivas, aberturas de sentidos com diversas direções políticas e ideológicas, pois a compreensão (interpretação) do fotograma e de seu trajeto não se dá da mesma forma pelos sujeitos. No entanto, há determinações materiais históricas neste processo discursivo.

Quando falamos em determinações materiais históricas, não estamos nos situando no materialismo mecanicista (vulgar), mas sim no materialismo

¹⁰ A denominação “Trabalhador-velho/idoso” deriva da conceituação de Silva Sobrinho (2007); este, em suas análises, compreendeu que o discurso da/sobre a velhice significava o(a) trabalhador(a), particularmente a partir dos efeitos das relações de compra e venda da força de trabalho na sociedade capitalista. Observou-se que o discurso dominante que nomeia apenas “velho” e “idoso”, “velhice” e “terceira idade” tende a recobrir as contradições da formação social capitalista. Por isso, neste artigo, continuaremos a demarcar esse caráter linguístico-histórico de que existem “velhices” diferenciadas e formas contraditórias de dizer e silenciar sobre os Trabalhadores-velhos/idosos.

histórico e dialético. Materialismo de Marx e Engels, que compreende que a base material (infraestrutura) determina a superestrutura política e ideológica, e que a superestrutura tem relativa autonomia e pode produzir efeitos de retorno sobre a base econômica.

Como diz Engels (1980), na carta endereçada a Joseph Bloch:

De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante final na história é a produção e reprodução da vida real. Mais do que isso, nem eu nem Marx jamais afirmamos. Assim, se alguém distorce isso afirmando que o fator econômico é o único determinante, ele transforma esta proposição em algo abstrato, sem sentido e em uma frase vazia. As condições econômicas são a infraestrutura, a base, mas vários outros vetores da superestrutura (formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, constituições estabelecidas pela classe vitoriosa após a batalha, etc., formas jurídicas e mesmo os reflexos destas lutas nas cabeças dos participantes, como teorias políticas, jurídicas ou filosóficas, concepções religiosas e seus posteriores desenvolvimentos em sistemas de dogmas) também exercitam sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma (ENGELS, 1890, p. 1).

Voltando ao fotograma anterior (fonte da juventude/empobrecimento/mercado/aposentadoria/previdência privada), temos a língua na sua forma material (linguístico-histórica) articulada à conjuntura histórica do capitalismo com sua ideologia neoliberal, que culpa os sujeitos velhos(as) (trabalhadores/as) por seu envelhecimento e empobrecimento. Assim, exigem que eles(as) se mantenham “jovens” e no “mercado de trabalho”, impondo, ao invés de seguridade social e previdência social (pública), a compra/venda da “previdência privada” como garantia de uma “velhice tranqüila”. Nesse fotograma sobre a velhice, somos todos(as) afetados(as) pelo real da língua (em seus equívocos) e da história (em suas contradições) de modo impiedoso¹¹.

Assim, no caso em estudo, pressupomos a existência de relações sociais e discursivas dominantes que sustentam as condições em que vivem os Trabalhadores-velhos/idosos, bem como o próprio dizer e/ou não dizer sobre a velhice. A partir da análise das materialidades publicadas pela imprensa (títulos de matérias/reportagens), examinaremos parte da trajetória

¹¹ Diz-nos Pêcheux de modo irônico: “há ‘coisas-a-saber’ (conhecimentos a gerir e a transmitir socialmente), isto é, descrições de situações, de sintomas e de atos (a efetuar ou evitar) associados às ameaças multiformes de um real do qual ‘ninguém pode ignorar a ‘lei’ – **porque esse real é impiedoso**” (PÊCHEUX, 2002, p. 34, grifos nossos).

dos sentidos sobre a velhice, acompanhando o processo discursivo no seu movimento dinâmico e contraditório. Trabalharemos, pois, como o discurso da/sobre a velhice, em sua produção discursiva na imprensa, se efetiva nas práticas sociais, direcionando sentidos para os sujeitos constituídos nas contradições das relações sociais capitalistas. E tudo isso passa pelas relações contraditórias entre língua e história em seu caráter material, pois, como diz Pêcheux (1997d, p. 62), estamos diante do “impulso metafórico interno da discursividade, pelo qual a língua se inscreve na história”.

As lutas de classes e os efeitos dessas lutas nas práticas linguísticas

A partir daqui, já podemos considerar que não buscamos “o” sentido dos textos que circulam na imprensa, mas construiremos procedimentos para expor a posição-sujeito¹² (ideológica) em seu caráter material nos discursos dos jornais do Brasil e da Argentina. Assim sendo, a produção de sentidos, em seu caráter material, é processo histórico dinâmico e contraditório em uma formação social determinada. Por isso, a presente análise se inscreve no pensamento materialista de Pêcheux, que justifica sua tomada de posição analisando os efeitos materiais das relações de classes sobre o que se pode chamar de “práticas linguísticas”.

Segundo Pêcheux (1997c):

Pensamos que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre o que se podem chamar as “práticas linguísticas” inscritas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada: com essa condição, torna-se possível explicar o que se passa hoje no “estudo da linguagem” e contribuir para transformá-lo, não repetindo as contradições, mas tomando-as como os efeitos derivados da luta de classes hoje em um “país ocidental”, sob a dominação da ideologia burguesa (PÊCHEUX, 1997c, p. 24).

Vale ressaltar que nossa ancoragem no materialismo histórico e

¹² Posição-sujeito aqui é entendida na perspectiva de Pêcheux (1997c), ou seja, tomada de posição ideológica dos sujeitos nas práticas sócio-históricas em relação à forma sujeito do saber de uma formação discursiva. Segundo Orlandi (2001, p. 99): “[...] o sujeito, na análise do discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição-sujeito (discursiva)”.

dialético traz uma especificidade, pois desloca a reflexão para a ontologia marxiana, que compreende o trabalho como categoria fundante do Ser Social. Nessa perspectiva ontológica, o trabalho se dá na relação dos homens com a natureza, ou seja, trata-se da transformação da natureza, por meio do trabalho humano (força de trabalho). Essa atividade funda a reprodução social de todos os complexos sociais (linguagem, direito, estado, educação, política, artes, religião, ciência etc.).

Segundo Marx (1985):

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza [...]. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao modificá-la [natureza], ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1985, p. 149).

Com o trabalho realiza-se a reprodução biológica e social do humano (comer, vestir, morar etc.); nessa prática (ato histórico), os sujeitos fazem sua própria história, pois transformam a natureza em bens úteis à sua subsistência e reprodução biológica e social. Ao transformar a natureza pelo trabalho, os sujeitos também se transformam, pois não repetem atos “programados” pela natureza, ao contrário, constroem o mundo humano que é radicalmente histórico.

Como afirmam Marx e Engels (1998):

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a *produzir* seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1998, p. 10).

Nessa perspectiva ontológica, há uma base material (econômica) que é determinante das práticas sociais, discursivas e ideológicas. É nessa base material constituída pelas forças produtivas e relações de produção que são geradas as classes sociais pelas diferentes funções que exercem nos processos produtivos. Na sociedade capitalista, a sociedade a que estamos a nos referir neste estudo, há duas classes principais (antagônicas), cujo conflito é inconciliável: capital e trabalho, ou seja, burguesia e proletariado. Mas entre elas há frações de classes que também constituem a formação social capitalista

e que se distinguem de acordo com sua função no processo produtivo¹³. Nosso interesse neste momento é fazer referência, especificamente, ao trabalho alienado/estranhado que existe na formação social capitalista, trabalho caracterizado pela exploração do homem pelo homem.

Sobre essa questão Marx (2001) explica que:

Com a *valorização* do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens [...]. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mas imposto, é *trabalho forçado*. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. O seu caráter estranhado resulta visivelmente do fato de se fugir do trabalho, como da peste [...]. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, se a ele se contrapõe como poder estranhado, isto só é possível porque o produto do trabalho pertence a *outro homem distinto do trabalhador*. Se a sua atividade constitui para ele um martírio, tem de ser fonte de deleite e de prazer para outro. (MARX, 2001, p. 111 e 119, grifos do autor).

Como se pode notar, as relações sociais na formação da sociedade capitalista são relações de exploração do trabalho, relações antagônicas entre capital e trabalho. A sociedade capitalista estrutura-se pela exploração do trabalho, apropriação da mais-valia, defesa da propriedade privada e manutenção da lógica da mercadoria e do lucro. Tais relações são contraditórias que estão na raiz da sociedade, em que uns possuem a propriedade dos meios de produção e outros apenas sua força de trabalho para subsistir¹⁴. Ao ressaltar essa contradição histórica, podemos dizer, citando Pêcheux, que “estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo princípio é a luta de classes” (PÊCHEUX, 1997c, p. 144).

Aparentemente, essas relações aparecem em termos jurídicos (ideológicos) como relações de igualdade, nas quais um sujeito (trabalhador) “quer livremente” vender sua força de trabalho e outro sujeito (capitalista) “quer livremente” comprar; mas na realidade, trata-se de relações desiguais,

¹³ Cf. Marx e Engels (1998, p. 11) “O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção”.

¹⁴ Destaca Marx (1996, p. 35) que “originariamente, o indivíduo não tem capital nem propriedade de terra. Logo ao nascer é constrangido ao trabalho assalariado pela distribuição social. Mas o próprio fato de ser constrangido ao trabalho assalariado é um resultado da existência do capital e da propriedade fundiária como os agentes de produção autônomos”.

inconciliáveis, pois dividem, em suas raízes histórico-concretas, sujeitos e sentidos.

Segundo Pêcheux (1997c):

Encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob sua forma jurídica, que deve tirar os equívocos nos contratos, trocas comerciais etc. (igualdade linguístico-jurídica entre as partes contratantes), e, simultaneamente, manter o equívoco fundamental do “contrato de trabalho”, o que se pode resumir dizendo que, no direito burguês, “todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros” (PÊCHEUX, 1997c, p. 27).

De acordo com essas condições materiais e ideológicas de produção da formação social capitalista, marcadas radicalmente pela contradição “desigualdade” e “igualdade”, as materialidades discursivas que analisaremos a seguir estão inscritas enquanto **efeito e trabalho (movente e movida)** na sociedade burguesa, pois se processam nessas contradições¹⁵. Assim, o(a) analista(a) de discurso deve observar a produção/reprodução/trans formação da base material da sociedade capitalista para compreender o movimento dialético de sentidos. Desse modo, sabemos que há uma discursividade dominante em acordo com os interesses da classe burguesa em seu individualismo que busca, cada vez mais, o seu enriquecimento, mesmo que tenha de deixar os Trabalhadores-velhos/idosos na mais pura miséria, ou relegá-los à morte social e biológica. Ademais, a ideologia neoliberal tem atuado fortemente, produzindo a “redução” do Estado, que tende a privatizar tudo, inclusive educação, saúde e seguridade social.

A nosso ver, as relações de classes são também relações de poder, e essa dimensão política passa pela imprensa em suas matérias/reportagens, pois “o capital é então o poder de domínio sobre o trabalho e sobre os seus produtos. O capitalismo tem este poder, não em razão das suas virtudes pessoais ou humanas, mas como proprietário do capital” (MARX, 2001, p. 80). Compreendemos, desse modo, que os discursos sobre a velhice que se materializam na imprensa fazem mediação com os interesses das classes dominantes através do poder do capital de dominar a força de trabalho e manter a lógica do lucro. Ao fim e ao cabo, a imprensa (direta ou indiretamente) reproduz discursivamente a exploração do trabalho,

¹⁵ Nessa articulação teórica, estamos levando em consideração o que diz Pêcheux (2002): o discurso enquanto efeito e trabalho nas relações sócio-históricas; e o que diz Lukács (1978): a práxis dos sujeitos é sempre movente e movida no processo sócio-histórico.

“noticiando” evidências sobre a “velhice”, o “trabalho”, a “aposentadoria” e a “previdência social” (privada).

Tudo isso faz parte desse fotograma da atualidade do discurso sobre a velhice e o envelhecimento. O que não para por aqui, pois precisamos ainda falar da crise estrutural do sistema do capital (MÉSZÁROS, 2002) que assola todo o planeta e afeta de modo perverso os países da América Latina. A crise possui caráter conjuntural e tem favorecido a desumanização do sujeito pela intensificação da exploração do trabalho cada vez mais precarizado, pelo desemprego estrutural, pela ameaça ambiental e, sobretudo, pela miséria e pela fome. Enquanto isso, a lógica da mercadoria e do lucro se sobrepõe ao humano.

Respondendo à crise (leia-se diminuição dos lucros do capital), os países do mundo inteiro estão fazendo “reformas” não para melhorar a vida da classe trabalhadora, mas para manter e aumentar o lucro da classe burguesa. Desse modo, há “reformas” na educação, na política, no sistema tributário, nas leis trabalhistas e na previdência social que tendem a conservar o sistema capitalista. A nosso ver, são formas dissimuladoras que se apresentam como “soluções” dadas pela lógica do capital para enfrentar a crise; essas “soluções econômico-políticas” têm como consequência explorar mais o/a trabalhador/a. Nelas se preconizam a “liberdade” de comércio e o direito à “propriedade privada” em “benefício” dos interesses privados do “cidadão” (burguês) no “Estado” capitalista.

Essas condições materiais e ideológicas de produção do discurso estão nas raízes históricas na formação social capitalista. Assim, falar da formação social capitalista é, a nosso ver, também tocar em “um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, entendida em uma dialética da repetição e da regularização” (PÊCHEUX, 1999, p. 52); uma memória histórica, em suas condições concretas de produção, que torna legíveis as contradições que assolam os sujeitos e as discursividades.

Guardadas as particularidades entre Brasil e Argentina, estamos considerando os dois países em seu funcionamento no modo de produção capitalista. A discursividade que circula na imprensa dos dois países se amolda aos interesses, valores, concepções e práticas do mundo burguês. É com esse referencial crítico indispensável a todo/a analista de discurso, fundamentado no materialismo histórico e dialético, que buscamos analisar, a seguir, o quadro de seqüências discursivas (fotogramas) para compreender a realidade social em seu movimento dinâmico e contraditório de produção/

reprodução/transformação de sentidos de velhice na formação social capitalista.

O discurso sobre a velhice: uma análise materialista da produção de sentidos

Como foi visto, o presente estudo busca apreender as determinações históricas que afetam a constituição e o funcionamento do discurso sobre a velhice e o envelhecimento na América Latina, particularmente analisando discursos que circulam na imprensa do Brasil e da Argentina. O corpus foi produzido a partir de títulos de matérias/reportagens publicadas pela imprensa brasileira (jornal Folha de São Paulo) e pela imprensa argentina (jornal Clarín). Desse modo, compreendemos com Mazière (2007) que:

O “estabelecimento de um *corpus*” se define no contrapé da mera colagem de textos. Estamos falando da construção de um dispositivo de observação apto a revelar, a permitir apreender o objeto discurso que ele se dá por tarefa interpretar [...]. O *corpus* não é mais um conjunto estanque de textos, é um conjunto sem fronteira no qual o interdiscurso, exterior, irrompe no intradiscurso (MAZIÈRE, 2007, p. 14).

A coleta e a seleção de matérias para a constituição do corpus foram realizadas através de um trabalho de busca nos sites dos respectivos jornais a partir da palavra “velhice”/ “vejez”, procedimento que destacamos ter sido apenas parcialmente “automatizado”, pois sabemos que no processamento da “lógica” dos computadores já há ideologia em funcionamento. Em seguida, procedemos à realização de recortes representativos das materialidades discursivas, identificando as estratégias discursivas e os mecanismos que a imprensa utiliza para significar a velhice/envelhecimento. Para essa etapa da pesquisa, nosso intuito foi aprofundar as análises a partir de três eixos temáticos (trajetos de sentidos), compreendidos como dispositivo analítico, a saber:

1. Velhice/juventude;
2. Envelhecimento/trabalho;
3. Aposentadoria/previdência social.

Tais eixos temáticos foram cuidadosamente escolhidos, estão sustentados na perspectiva da Análise do Discurso e fundamentados em dispositivo teórico-analítico. A partir da análise dessas materialidades discursivas, verificamos a trajetória dos sentidos sobre a velhice, acompanhando, através da relação entre o dizer e as condições materiais de produção, o movimento dinâmico e contraditório da sociedade capitalista.

Nosso dispositivo analítico está amparado no pressuposto de que os discursos não são mensagens “decodificáveis”; são, segundo Orlandi (1999, p. 30), “efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender”. Foi nessa perspectiva que com o conhecimento produzido em estudos anteriores (SILVA SOBRINHO, 2007; 2014; 2016) realizamos as primeiras leituras do presente corpus e pudemos compreender que havia uma articulação dos dizeres sinalizando um funcionamento marcado por dilemas históricos. Discursos que se entrelaçavam, a saber: quando se falava de velhice, logo se recobria com dizeres sobre juventude; quando se falava de envelhecimento, surgia sempre a preocupação com a questão de se manter no mercado de trabalho; quando se falava em aposentadoria, havia uma articulação que imediatamente trazia no discurso dizeres sobre a reforma da previdência e, por tabela, a “previdência privada”. Esse refinamento no olhar, baseado em pesquisas anteriores e em estudos teóricos, orientou nossa análise no momento atual, e também voltou a nos surpreender quando articulamos o processo discursivo à sua base material histórica.

Nessa direção, foi pensando especialmente nas condições históricas de produção do discurso que tivemos o cuidado de acrescentar, a esse quadro teórico-analítico, problemáticas relativas às contradições da formação social capitalista que constituem o Brasil e a Argentina, levando em consideração que são países que, como diz Antunes (2011, p. 17), fazem parte de “Continente do Labor”, relembrando a exploração colonial, o escravismo, o trabalho assalariado, as atividades econômicas de caráter agrário-exportador, o impulso industrial e o fluxo migratório de trabalhadores que caracterizam o continente latino-americano em sua fundação sob a égide da exploração do trabalho.

Por tudo isso que dissemos, consideramos a relação dialética entre o dizer e as condições sócio-históricas de produção do discurso. Por isso, em nossa investigação:

Buscamos afirmar que são as práticas históricas que permitem a produção de sentidos sobre a velhice, pois sem elas o sentido seria estável e fechado, ou mesmo não existiria. Daí o caráter processual do sentido (efeitos de sentido), implicando movimentos, desdobramentos e transformações dos gestos de interpretação que ideologicamente são produzidos sobre a condição/vivência do “velho/idoso” na sociedade (SILVA SOBRINHO, 2014, p. 1.120).

A partir de agora, seguem as análises, observando as contradições das relações sociais capitalistas nas materialidades linguísticas e buscando o caráter material do processo discursivo, ou seja, sua conjuntura econômica, política e ideológica inscrita na materialidade da língua em sua relação constitutiva e contraditória com a história.

Coletamos títulos de matérias/reportagens entre as datas de 1º de janeiro de 2000 e 31 de dezembro de 2016, no mecanismo de busca do site do jornal Folha de São Paulo. Para isso, utilizamos a palavra **VELHICE**, e encontramos 2.601 resultados que não eram apenas títulos, mas palavras que se articulavam em sua textualidade. Realizamos recortes os mais representativos do período estudado com alguns títulos de matérias/reportagens para análise no limite deste texto. Vale ressaltar que no conjunto desses dizeres pudemos encontrar traços (fotogramas) de um processo discursivo com determinações materiais da sociedade capitalista.

As conexões analíticas que faremos a partir de agora não seguem em regra uma linearidade, isto é, uma leitura em linha reta do ano de 2000 a 2016, mas se processam no movimento em espiral, como ensinou Pêcheux (1997b)¹⁶. Pudemos descobrir com essa prática teórico-analítica que, na presente conjuntura histórica, existe um determinado olhar (gesto de interpretação) sobre a velhice em seu aspecto “biológico” e “médico” que desliza pelo sócio-histórico para “aposentadoria” e “previdência”, esta “privada”. No pano de fundo da questão, estão as relações de trabalho (relações de exploração) da sociedade capitalista e a crise do capital. Assim, iniciamos nossa análise expondo algumas sequências discursivas, identificadas apenas pela data (ano) de sua publicação, para nos debruçarmos na reflexão:

Juventude, velhice (2012)

Em 15 anos, **SP terá mais idosos do que jovens, mas ainda está**

¹⁶ “Como conceber o *processo de uma AD* de tal maneira que esse processo seja uma interação ‘em espiral’, combinando entrecruzamentos, reuniões e dissociações de séries textuais (orais/ escritas), de construções de questões, de estruturas de redes de memórias e de produções da escrita?” (PÊCHEUX, 1997b, p. 318).

despreparada (2015)

Jovens podem arriscar mais nos planos de previdência privada (2012)

Nesse primeiro bloco de sequências discursivas, podemos observar que se fala da velhice em contraponto com a juventude. O que podemos notar é que há de modo intrínseco uma comparação entre jovens e velhos, seja em número demográfico, seja em sua função social enquanto categoria de idade (juventude/velhice). Em estudos anteriores, compreendemos que a imprensa evita falar de velhice, e muitas vezes, quando fala, articula-a com juventude para lembrar/mostrar que, no processo biológico de passagem de jovem a velho, há uma decadência do corpo do sujeito, não apenas do corpo, mas também da sociabilidade e da “produtividade” no trabalho.

No recorte anterior, juventude e velhice parecem funcionar “naturalmente” como antônimos, assim como impõe a sociedade capitalista pelo efeito de evidência. Ao mesmo tempo, afirma que há mais “idosos” do que “jovens”, ressaltando a preocupação e o despreparo das cidades. Na outra formulação, temos o indício do movimento da interpretação que aponta para a “previdência privada”, que deve ser alvo de interesse (preocupação/preparação) dos “jovens” para a vivência de sua velhice. Esse traço da economia capitalista se inscreve na historicidade do sentido juventude-velhice-aposentadoria-previdência-privada. Tais sentidos “preparam” o jovem para poder “viver” sua velhice como responsabilidade sua e não do Estado (capitalista).

Em nosso segundo movimento de análise, há ecos do discurso do individualismo burguês em funcionamento:

Biologia: Estudo atribui **velhice a mutações** (2004)

Idoso deve redobrar cuidados com alimentação para **evitar doenças** (2003)

Saúde: **“Ginástica” estimula memória na velhice** (2004)

Nessa investigação, podemos notar que há inicialmente o discurso da biologia (algumas vezes encontramos discurso médico, da geriatria e da gerontologia em determinadas matérias/reportagens na imprensa), que diz, paradoxalmente, ser a velhice um processo “natural”, mas que exige do sujeito “certos” cuidados para se manter jovem. Se, por um lado, a velhice consiste em efeitos de “mutações genéticas” próprias do organismo humano, por outro, sua significação na sociedade capitalista é também bastante

distinta, como diz Beauvoir (1990, p. 9): os “velhos” são tidos como “pesos” (não ativos), “improdutivos”. Desse modo, a sociedade capitalista concebe que há uma parcela de “responsabilidade” do sujeito diante de seu processo de envelhecimento que, por isso, pode ter uma velhice “saudável” ou “não”.

Tomar medicamentos, vitaminas, fazer exercícios físicos, usar cosméticos, fazer cirurgias plásticas, por exemplo, são tidos como responsabilidade própria do sujeito¹⁷. Isso tudo é apontado como “remédios” ou apenas “recomendações” para uma velhice “saudável, tranquila e feliz”, pois se evitam “doenças” e se preserva a “memória”. O efeito são evidências de um mundo “semanticamente normal” e que pode ser controlado; basta ter vontade, isto é, dinheiro. Podemos encontrar tais efeitos em vários programas de televisão que tratam de saúde, e também nas falas do cotidiano, pois sempre nos deparamos com “receitas” que sugerem maneiras de “não envelhecer”, e caso não se tenha como evitar o envelhecimento, se exige do sujeito que, paradoxalmente, se mantenha jovem.

Por fim, caminhamos para outra série discursiva que demarca esses gestos de interpretação em suas determinações históricas. Vejamos:

Mercado expulsa e empobrece velhos (2000)

Aposentadoria muito cedo tira eficiência da economia (2016)

Poupe e se planeje para ter **estabilidade financeira** na **velhice** (2013)

Veja dicas para poupar cedo e ter mais chance de manter padrão na velhice (2016)

Aposentadoria é momento crítico (2002)

Aprenda o que fazer para ter **tranquilidade financeira** na **aposentadoria** (2010)

Previdência: Planejamento garante renda na aposentadoria (2005)

Aposentadoria: Previdência privada tem aumento de 26% na captação (2007)

Podemos perceber que há traços no trajeto de leitura (interpretação) que são significativos na análise dessa discursividade. Como dissemos,

¹⁷ Cf. Silva Sobrinho (2016, p. 197), “a imprensa, através de mecanismos ideológicos, interpela determinado grupo a permanecer jovem, ensinando-o, com receitas da ciência, como cuidar do corpo (ter bons hábitos, fazer cirurgias plásticas, prevenir doenças, utilizar cosméticos), responsabilizando o sujeito (indivíduo ou apenas o corpo) por sua condição e culpando-o por ter envelhecido”.

nossa pesquisa partiu da palavra “velhice” e em sua maior parte nos são apresentadas as palavras “juventude”, “aposentadoria” e “previdência” (privada). A questão do trabalho (mercado de trabalho), aposentadoria e previdência tende a aparecer de modo mais forte nos últimos anos no corpus de nossa pesquisa. A velhice e a aposentadoria viraram tema do discurso¹⁸; com eles também a previdência e suas variantes (não lógica) “reforma da previdência” e “previdência privada”. Essa discursividade constitui o fotograma mais próximo do real da velhice do/a trabalhador/a hoje. Seu dinamismo está inscrito nas relações de base material da sociedade capitalista em crise. Os interesses em jogo são os interesses das classes dominantes, que buscam acabar com a previdência pública e a seguridade social para fomentar a previdência privada, mantendo assim a lógica do capital, que torna tudo mercadoria em suas práticas lucrativas que enriquecem apenas a classe burguesa.

Como se pode ver, os Trabalhadores-velhos/idosos são “expulsos” do mercado de trabalho com ou sem direito à aposentadoria¹⁹. Os sentidos de aposentadoria estão articulados à previdência, o que novamente orienta o(a) trabalhador(a) (individualmente e não como classe) para que “planeje” sua “velhice”. As palavras “poupar” e “planejar” aparecem como dicas/conselhos para que o Trabalhador-velho/idoso tenha “mais chances de manter o seu padrão na velhice”. A aposentadoria é tida como momento “crítico”; à inquietação do/a trabalhador/a é sugerido se “planejar”, mas com a “previdência privada!”. Neste momento, faz mais sentido o que deixamos em suspenso no início deste texto: “previdência privada”. Algo que vem produzindo sentidos para o sujeito como “solução” própria da “evolução” social e econômica, e não como resultante dos interesses escusos do mercado capitalista.

Segundo Haddad (1986):

¹⁸ Estamos aqui nos aproximando do que diz Bakhtin/Volochinov (1986, p. 128 e 136): “como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação [...] a sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias”.

¹⁹ Cf. Haddad (1993, p. 18) “Com o processo de constituição do sistema de previdência social, velhice e aposentadoria passaram a estar associadas. O direito à aposentadoria – que inclui a velhice subsidiada e o direito de descanso no fim da vida – tornou-se uma extensão do direito universal do trabalho”. Hoje o movimento tende a ser o contrário, ou seja, a eliminar o direito à aposentadoria.

As sociedades capitalistas, transformando as pessoas em mercadorias, condenam o trabalhador à degradação durante toda a trajetória de sua vida. Paradoxalmente, são crescentes as propostas de reparos para a tragédia dos velhos que vêm, na realidade, escamotear a problemática da exploração da mão de obra. A ideologia da velhice é, pois, entendida como parte essencial do funcionamento das sociedades capitalistas, cuja contradição principal é a sua divisão em classes sociais (HADDAD, 1986, p. 16).

Nesse contexto, o discurso sobre a velhice, articulado materialmente à base econômica do capitalismo em crise, é ainda mais impiedoso e acaba por revelar outras possibilidades mais drásticas para o sujeito Trabalhador-velho/idoso, a saber:

Eutanásia (2013)

Cresce suicídio entre **idosos** na Coreia do Sul (2013)

Papa diz que **abandono de idosos** é “**uma eutanásia mascarada**” (2014)

Assim, a velhice sinaliza para a “morte”, mas não uma morte “natural/biológica”. Em nossa pesquisa, pudemos ver que no resultado de busca pela palavra “velhice” também se articulava a palavra “eutanásia”. Segundo o papa Francisco, “abandono de idosos é ‘uma eutanásia mascarada’”. Além disso, em outro título há a informação de que cresce o número de “suicídios” de velhos/idosos. Algo de cruel ocorre na formação social capitalista com sua exclusão, abandono e morte do Trabalhador-velho/idoso. Compreendemos, por fim, que esse processo discursivo significa e ressignifica a própria vida/morte na sociedade capitalista.

Adiantaremos, agora, nosso estudo para a análise do discurso que se materializa no jornal Clarín (Argentina). Na seleção de títulos das matérias/reportagens no jornal Clarín, também utilizamos o item busca com a palavra **VEJEZ** e obtivemos 2.340 resultados que indicavam a presença da palavra nos textos de determinadas matérias/reportagens, bem como nos títulos. Buscamos pesquisar entre os anos de 2000 e 2016, mas o site do jornal apenas nos deu acesso aos anos de 2011 a 2016. Apresentaremos a seguir uma síntese das principais notícias. Trata-se de um recorte, pois não há espaço neste artigo para expor todos os títulos encontrados.

Mesmo levando em consideração as condições peculiares da Argentina, não podemos deixar de considerar que também se trata de uma sociedade desigual, constituída por classes sociais antagônicas. Sua economia, assim

como a do Brasil, é subdesenvolvida e dependente do capital estrangeiro. Na ordem do político e do econômico, também tem passado por situações de crise política derivada da crise econômica mundial. Assim, avançaremos para a análise das materialidades discursivas que circularam em sua imprensa, levando em conta essas condições materiais de produção/reprodução/transformação do funcionamento ideológico em seu caráter material.

¿Cuáles son las siete partes del cuerpo que envejecen antes? (2014)

20, 30, 40 y 50 años: qué esperar de tu cuerpo a cada edad (2015)

Las polémicas dietas para ser inmortal (2015)

Mal de Parkinson (2013)

Sin condiciones para la longevidad (2013)

No dejes que el viejo entre en tu cabeza (2014)

Quanto ao primeiro gesto analítico, buscamos agrupar traços dos gestos de interpretação sobre a velhice. A questão do corpo, idade e doença sobressai: “cuerpo”, “edad”, “Parkinson” aparecem como evidências primeiras. Aquilo que Pêcheux (1990, p. 12) poderia chamar de objetos ideológicos, que “são sempre fornecidos concomitantemente com a maneira de se servir deles, com a pressuposição de seu ‘sentido’, quer dizer com sua orientação”, assim como vimos: “dietas para ser inmortal”. Decorrem desse funcionamento discursivo questões que derivam do conhecimento científico que novamente contrapõe velhice e juventude e acompanha o processo de envelhecimento como marcado por limitações e doenças. O que pode ser compreendido é que há limites no próprio discurso sobre a compreensão da velhice na sociedade argentina que diz “sin condiciones para la longevidad”.

De outro modo, o movimento do discurso continua, trazendo vestígios da base material, pois num discurso com inscrição idealista, recomenda-se ao Trabalhador-velho/idoso: “no dejes que el viejo entre en tu cabeza”, como se este, por pura vontade, pudesse evitar a velhice e suas questões sócio-históricas.

Podemos observar como essa construção também se assenta no quadro de seqüências discursivas abaixo:

La mitad de la gente mayor siente que no se la valora (2016)

Más protección a los adultos mayores (2015)

Conviene repensar cómo vivir mejor la vejez (2016)

Nesse movimento em espiral (entrecruzamentos, reuniões, dissociações de séries textuais) que propomos em nossa análise, podemos compreender que, se por um lado, não se tem a proteção da velhice, por outro, há uma discursividade que preza pela “valorização” do Trabalhador-velho/idoso. Tais dizeres aparecem como alternativas, “proteção e valorização”, ou seja, como algo do campo do contraditório para uma sociedade que não valoriza o sujeito humano, mas sim as mercadorias, a propriedade e a lógica do lucro, e que não protege o sujeito, mas sim o capital e sua lógica destrutiva. Como diz Marx (1980, p. 36), “o valor de um homem, ou aquilo em que se avalia, é, como em todas as outras coisas, o seu preço, ou seja, exatamente o que se daria pela utilização da sua força”. Essa passagem da discursividade em análise demonstra a inscrição da língua na história e vice-versa. É o equívoco produzindo seus efeitos.

Por fim, temos uma construção discursiva que caracteriza em definitivo como as relações de base econômica, em suas mediações, afetam os dizeres:

Pensión por vejez: arrancaron los trámites en la ANsES (2016)

El Gobierno descartó un bono para los jubilados (2014)

La canasta de un jubilado aumentó 30% en un año y ya cuesta (2011)

Para el Papa, el abandono de los ancianos es una “eutanasia” (2014)

Holanda quiere ampliar la eutanasia a personas mayores (2016)

Em conjunto, palavras como “pensión”, “Gobierno”, “jubilados”, “aumento de la cesta” se articulam para produzir sentidos. Tendo em vista os propósitos de nossa investigação, as contradições de classes afetam a língua em sua materialidade histórica. Nesse bloco de sequências discursivas, algo de essencial da sociedade capitalista se dá a ver: o governo (Estado burguês) e seus interesses capitalistas, a relação com o/a trabalhador/a através dos fundos de pensão e a cesta básica para a sobrevivência do/a trabalhador/a. Tais discursos delimitam, assim como no Brasil, a significação da velhice pobre e oprimida. Confirmam um sistema econômico cruel e desumano. Não é à toa que os dois jornais (Folha e Clarín) noticiam questões que remetem à “eutanasia”, seja na fala do papa: “Para el Papa, el abandono de los ancianos es una ‘eutanasia’”, seja quando remete a algum país que já sinaliza para essa prática em sociedade como alternativa para a velhice: “Holanda quiere ampliar la eutanasia a personas mayores (2016)”.

Já caminhando para nossas considerações finais, podemos notar que a articulação das palavras velhice e envelhecimento à “eutanásia” nos dois jornais (Folha e Clarín) não se dá por acaso. Em estudos anteriores – Silva Sobrinho (2007) –, compreendemos que a relação dos países “desenvolvidos e subdesenvolvidos” com a velhice se coloca com o asilo como lugar de abandono e segregação do Trabalhador-velho/idoso à espera da morte. Instituição marcada pelo “acolhimento”, mas também pela exclusão e por maus-tratos, existindo através de doações, mas sobrevivendo com escassez de roupas, alimentos, medicação e também de afetos. O que entendemos agora é que na discursividade em análise há sinalizações da ordem do sensível (novamente, impiedoso) na inscrição da língua na história, ou seja, de novos traços de práticas materiais e ideológicas no funcionamento discursivo. Como diz Bakhtin/Volochinov (1986, p. 41), as palavras são tecidas na multidão de fios ideológicos; “é, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam e ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados”. Parece que a palavra “eutanásia”, referidas pelos dois jornais, em seus efeitos materiais na história, abrem sentidos “outros” para o destino do Trabalhador-velho/idoso.

Quanto a essa articulação discursiva, compreendemos que ela não se dá por ordem do acaso, mas do processo histórico e discursivo que se entrelaça no movimento dinâmico e contraditório das sociedades capitalistas em crise estrutural, ou seja, a trama ocorre nas relações entre língua e história. Isso, a nosso ver, é assustador, pois tal sugestão de “eutanásia” se articula a partir da base da formação social capitalista em direção aos sujeitos, já que “no mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais [...] a economia é baseada no lucro; é a este, na prática, que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora” (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

Buscando fôlego para chegarmos a uma síntese ligeiramente comparativa, podemos dizer que no Jornal Folha de São Paulo, visualizamos, coletamos e recortamos materialidades para a análise que nos fizeram compreender que há uma tentativa de silenciamento da velhice na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, uma busca para manter-se jovem. Percebemos que essa categoria de idade “juventude” também deixa vestígios de outro processo discursivo articulado à discursividade da/sobre a velhice, em funcionamento. Além disso, no mesmo jornal, a relação estabelecida entre envelhecimento e trabalho deriva sentidos para significar o trabalho como

algo que deve ser preservado a todo custo, pois o sujeito deve se manter no mercado de trabalho para continuar existindo (sendo explorado).

Mesmo com as altas taxas de desemprego no Brasil, o jornal sugere (produzindo o efeito de sentido) que o Trabalhador-velho/idoso que está fora do mercado é culpado por sua condição de vivência da velhice. A relação entre velhice e aposentadoria faz tocar em questões da previdência social, tida como em “crise” na sociedade brasileira. Ao analisarmos as materialidades discursivas, compreendemos que é a partir dessa relação de sentidos entre velhice, trabalho, aposentadoria e previdência privada que a mídia reproduz os interesses do Estado, apontando para a reforma da previdência, tida como “necessária e urgente”, para o Brasil “não quebrar”²⁰ (“Aposentadoria muito cedo tira eficiência da economia” – Folha de São Paulo, 2016).

Em continuidade ao nosso estudo, paralelamente, o Jornal Clarín (Argentina) revela condições de produção semelhantes às do Brasil. O jornal traz a público uma articulação de palavras que faz silenciar determinadas questões da velhice. Quando toca na questão do envelhecimento, este é tido inicialmente como uma questão de ordem biológica (¿Cuáles son las siete partes del cuerpo que envejecen antes? – Jornal Clarín, 2014), e a ela são articuladas outras questões de saúde como Parkinson e Alzheimer. Ao mesmo tempo, as demais notícias sinalizam para uma velhice pobre (La canasta de un jubilado aumentó 30% en un año – Jornal Clarín, 2011) e para conflitos com o Estado (El Gobierno descartó un bono para los jubilados – Jornal Clarín, 2014). Tais discursos também alicerçam sentidos que direcionam para a necessidade de reformas na Argentina.

Os títulos das matérias/reportagens publicadas nesses jornais e trazidas em nossa pesquisa revelam gestos de interpretação afetados pelas determinações materiais da formação social capitalista. Assim, constatamos que a trajetória do discurso evoca sentidos negativos de velhice, leva em consideração as relações de trabalho, mas responsabiliza o trabalhador/a (aposentado) por sua condição precarizada (“Aposentadoria: brasileiro poupa pouco e quer parar cedo” – Folha de São Paulo – 2006). Ademais, o discurso veiculado nas matérias/reportagens dos jornais citados reproduz os interesses do Estado capitalista (tanto do Brasil como da Argentina) em fazer uma reforma da previdência e instalar definitivamente a previdência privada, que penaliza ainda mais o/a trabalhador/a em sua velhice.

²⁰ Temos encontrado dizeres que circulam na mídia em tom ameaçador advindos do Estado que diz que se a “reforma da Previdência não for aprovada”, o Brasil vai “quebrar”.

Palavras finais: a base material e o movimento de sentidos e sujeitos

Importa, para finalizar este artigo, refletir sobre os avanços teóricos, experimentais e políticos. Em termos teóricos, aprofundamos questões sobre o que Michel Pêcheux (1997c) chamou de o **caráter material do sentido**, na relação contraditória entre língua e história. Assim, a partir de uma reflexão filosófica, desenvolvemos considerações de como o sentido é produzido em seu caráter material, levando em consideração a formação social capitalista em sua crise econômica e política. Como a Análise de Discurso que praticamos trabalha com a imbricação material entre língua, história, sujeito e ideologia, desenvolvemos questões norteadoras na compreensão do discurso em sua totalidade e complexidade histórica.

Quanto aos avanços experimentais (analíticos), foram produtivos os gestos de interpretação²¹ realizados a partir de três eixos temáticos que tomamos como dispositivo analítico: 1. Velhice/juventude; 2. Envelhecimento/trabalho; 3. Aposentadoria/previdência social. Esse procedimento orientou o trajeto de pesquisa e os recortes representativos das materialidades discursivas, identificando as estratégias discursivas e os mecanismos ideológicos que a imprensa reproduz nos títulos das matérias/reportagens para significar a velhice.

A nosso ver, alcançamos os objetivos também de caráter político ao compreender, a partir da análise dos títulos das matérias/reportagens da imprensa brasileira e argentina, o funcionamento do discurso da/sobre a velhice/envelhecimento em seu fotograma na atualidade. Isso porque refletimos criticamente acerca das contradições e determinações materiais e históricas do sistema capitalista que afetam a produção de sentidos sobre a velhice e os sujeitos Trabalhadores-velhos/idosos na América Latina.

Em síntese, chegamos aos seguintes resultados:

- i. O discurso é realmente práxis social, significa o mundo e orienta as ações dos sujeitos em suas posições políticas e ideológicas; o discurso atua como efeito (gênese no real da história) e retorno (trabalho sobre o real). Assim, as relações de base material sustentam as condições em que vivem os Trabalhadores-velhos/idosos, bem como o próprio dizer e/ou não dizer sobre a velhice, que retorna, dialeticamente, produzindo efeitos nessas condições de produção;

²¹ Segundo Orlandi (1999, p. 60), “o dispositivo, a escuta discursiva, deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos”.

- ii. Na relação contraditória entre língua e história, o modo de articulação das palavras “velhice”, “trabalho”, “aposentadoria” e “previdência privada” revela seu caráter material na totalidade da formação social capitalista; os dois jornais (*Folha de São Paulo* e *Clarín*) direcionam os dizeres sobre a velhice, que atuam favorecendo o discurso que defende a “reforma” da previdência social nos dois países (Brasil e Argentina) e fomenta a “previdência privada”;
- iii. O processo discursivo sobre a velhice está articulado ao processo da vida material, ou seja, à crise do sistema capitalista que tem afetado fortemente os países latino-americanos.

Nesses termos, consideramos que a pesquisa contribuiu para aprofundar a compreensão do funcionamento do discurso sobre velhice e envelhecimento, bem como sobre os sentidos atribuídos aos sujeitos Trabalhadores-velhos/idosos. Também, abriu novas perspectivas de estudos cujo foco é a articulação discursiva que silencia a crise do capital e toma a “crise” da previdência social como algo dado (evidente), que precisa, “a todo custo”, ser solucionada sob a dominância dos interesses da manutenção do sistema capitalista e de sua lógica destrutiva.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- BAKHTIN/VOLOCHINOV, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CANGUILHEM, Georges. O cérebro e o pensamento. **Revista Natureza humana**. São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2006.
- ENGELS, Friedrich. **Carta para Joseph Bloch**. [1890]. In site: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1890/09/22.htm>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- HADDAD, Eneida. **A ideologia da Velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.
- HADDAD, Eneida. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo: Cortez, 1993.
- LUKÁCS, George. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. São Paulo, **Temas de Ciências Humanas**, vol. 4, 1978.

- MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re) ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.
- MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Global, 1980.
- MARX, Karl. **O Capital**. Livro I. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAZIÈRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002a.
- ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 21-40, Jan./Jun. 2002b.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1997.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. In: **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso, (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a.
- PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma intro-

dução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, [1983] 1997b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do obvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997c.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de Leitura**: da história no discurso. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997d.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

SILVA SOBRINHO, Helson. **Discurso, velhice e classes sociais**: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: Edufal, 2007.

SILVA SOBRINHO, Helson. O discurso sobre velhice e as tentativas do capital de torneir suas contradições. **Estudos linguísticos**, São Paulo, n. 43, v. 3, p. 1.118-1.128, set-dez, 2014.

W.; TFOUNI, F. (Org.). **Discurso, mídia e ensino**. São Cristóvão: Ed. UFS, 2016.

SILVA SOBRINHO, Helson. Imagens e não-imagens da velhice na imprensa: formulações que encarnam o discurso, efetivam sentidos e delimitam sujeitos. In BERNARDO-SANTOS,

SILVA SOBRINHO, Helson. Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso. In: BALDINI, Lauro; BARBOSA FILHO, Fábio. **Análise de discurso e materialismos**: prática política e materialidades. Vol. 2. Campinas-SP: Pontes, 2018.

SILVA SOBRINHO, Helson. O caráter material do sentido e as classes sociais: uma questão para a Análise do Discurso. **Revista Polifonia**. Cuiabá-MT, v. 26, n. 43, jul.-set., 2019.